

CAPÍTULO II – Como Alice foi parar no Sítio do Picapau Amarelo?

Adriana Peliano⁴³



Fig. 1: *Alice no Sítio do Picapau Amarelo*.
Jô Oliveira, 1996⁴⁴.

⁴³ Esse texto foi um desdobramento ampliado do artigo *Adventures on the Yellow Woodpecker Ranch*. *Knight Letter - The Lewis Carroll Society of North America*. Winter 2009. Volume II. Issue 13. Number 83. Versão em português: <http://alicensagens.blogspot.com/2009/09/aventuras-de-alice-no-sitio-do-picapau.html>.

⁴⁴ Publicada na revista *Veredas*, do Centro Cultural Banco do Brasil, em outubro de 1996, integrante da exposição “Sete Vezes Emília”.

Alice chegou ao Brasil através do portal de Monteiro Lobato. Foi ele quem fez a primeira tradução e adaptação brasileira de *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, com ilustrações de A. L. Bowley⁴⁵, no mesmo ano em que saiu *As reinações de Narizinho* (1931)⁴⁶, com ilustrações de Jean Villin⁴⁷. Dois anos depois, seria a vez da obra *Alice no País do Espelho* (1933), com as ilustrações de John Tenniel, ser também publicada pela Companhia Editora Nacional, com tradução e adaptação de Lobato. Além de ensinar Alice a falar português, Lobato convidou-a para visitar o Sítio do Picapau Amarelo em algumas de suas histórias, escapando dos livros de Carroll para habitar o Mundo das Maravilhas que Monteiro Lobato cartografou para a nossa infância.

Em sua obra infantil, livros como *O Saci* (1921), *As reinações de Narizinho* (1931), *Viagem ao céu* (1932), *Memórias da Emília* (1936), *O picapau amarelo* (1939), *O Minotauro* (1939) e *Os doze trabalhos de Hércules – vols. I e II* (1944) apresentam reinações vividas pelas personagens do Sítio do Picapau Amarelo em viagens no tempo, aventuras por mundos imaginários e encontros intertextuais com diversas personagens da literatura, do folclore, da mitologia, do cinema e dos desenhos animados. Lobato também traduziu e adaptou vários clássicos para o público infantil brasileiro, com destaque para obras que desafiam e alimentam a imaginação, a fantasia e o sonho. Muitas dessas obras apresentam personagens que atravessaram a porteira do Sítio ou foram visitadas pelos “picapauzinhos” graças à magia do Faz-de-Conta e ao Pó de Pirlimpimpim⁴⁸.

Inspirado na cultura popular nordestina, entre bonecos do Mestre Vitalino e gravuras de Cordel, Jô Oliveira ilustrou

⁴⁵ Agradeço ao Mark Burstein por me enviar ilustrações das obras de Lewis Carroll.

⁴⁶ Agradeço ao Magno Silveira por me enviar ilustrações de sua coleção lobatiana (<https://bibliotecadovisconde.com.br>).

⁴⁷ Agradeço à Walderez Macedo por autorizar o uso das ilustrações de Jean Gabriel Villin.

⁴⁸ O pó de Pirlimpimpim é “o pó mais mágico que as fadas inventaram”, ele subverte a concepção racional de espaço e tempo, sendo usado para viajar para reinos da imaginação.

poeticamente a chegada das personagens do Mundo das Maravilhas no Picapau Amarelo (fig. 1). Na figura, Emília dialoga com Alice enquanto o Visconde, sabugo de milho de cartola, encara o Coelho Branco de casaca e relógio de bolso. Tia Nastácia é a quituteira e guardiã das histórias populares que aguarda, na porteira, a chegada de personagens de outros reinos tais como os *Contos de Fadas*, as *1001 Noites* e clássicos como *Dom Quixote*, para citar alguns, já que a fila de visitantes e a estrada extrapolam as margens desse desenho numa jornada antropológica.

No curioso prefácio de sua tradução para *Alice no País das Maravilhas*, Lobato conta que as crianças brasileiras leriam as aventuras de Alice a pedido de Narizinho, então com 7 anos. A menina tanto insistiu em ler *Alice* em português, já que não sabia inglês, que não houve remédio, apesar de ser, como ele diz, “uma obra intraduzível”. De fato, ele não traduz vários trocadilhos, paródias e jogos de linguagem da obra de Carroll⁴⁹, em geral descomplica, assumindo os riscos de diluir a potência da criação artística para alcançar a identificação com um público infantil mais amplo, seguindo também o seu tino comercial.

No mesmo prefácio é dito que a história se trata de um “sonho em inglês, de coisas inglesas, com palavras, referências, citações, alusões, versos, humorismo, trocadilhos, tudo inglês – isto é, especial, feito exclusivamente para a mentalidade dos inglesinhos.”⁵⁰. Lobato adapta e ambienta traços culturais das aventuras de Alice para se aproximarem do Brasil de sua época⁵¹. Poucos anos depois, em *Memórias da Emília* (1936), os inglesinhos vão visitar o Sítio do Picapau Amarelo. Alice chega ao navio *Wonderland* com Peter Pan e o histórico almirante Brown, além de várias crianças inglesas para

⁴⁹ Um salto no “intraduzível” foi dado quando as primeiras palavras-valise brasileiras foram transcritas por Augusto de Campos no poema “Jaguadarte”, que seria publicado a partir de 1976 pela editora Summus, com a tradução de Sebastião Uchôa Leite para os dois livros de Alice.

⁵⁰ Lobato, 1931, p. 12.

⁵¹ A adaptação de Ana Maria Machado traz as “referências, citações, alusões, versos, humorismo e trocadilhos” para o contexto cultural das crianças brasileiras contemporâneas.

verem um anjinho trazido por Emília de sua *Viagem ao céu* (1932). De todos os visitantes, Alice é quem sabatina o anjo, mas ela só quer ouvir falar da vida no céu e se atraca com Emília, alegando que “aquele Sítio não parecia digno de um anjinho”⁵². Se ele fosse levado para Londres, julga a esnobe menina inglesa, o anjo ganharia um palácio de cristal cheio de nuvens de ouro bem fofo e macio, ideal muito distante da casa velha com árvores tortas e um leitão lá longe espiando, como ela descreve o Sítio.

Mas a Alice lobatiana vai, pouco a pouco, rompendo a barreira entre as culturas, vai aterrissando no cotidiano do Sítio atravessado pela magia do Faz de Conta, vai fazendo amizades e se encantando com as frutas, pitangas, laranjas, jabuticabas que fazem a alegria dos “picapauzinhos”. “Que coisa gostosa – murmurou Alice – chupar laranja lima ao lado de um anjinho do céu que conta as coisas de lá! Estou mudando de opinião, Emília. Estou achando que esse Sítio da Dona Benta é ainda mais gostoso que o nosso Kensington Garden lá de Londres...”⁵³. Mais tarde, Alice come os bolinhos da tia Nastácia e gosta tanto que pede a receita. Ao vê-la, tia Nastácia estranha e pergunta se a menina inglesa fala mesmo português e Emília confirma, abrindo sua famosa torneirinha de asneiras: “Sim, pois Alice já foi traduzida para o português”⁵⁴.

Emília, logo depois, foge para Hollywood com toda a criançada inglesa. Quería virar estrela de cinema, como Shirley Temple. Aprende a falar inglês tão bem que chega a corrigir os erros de Alice! Epa... Assim já é demais, não é Emília? Desconfiei. Ficamos então sabendo que o encontro com Alice faz parte das tais Memórias que a boneca andava escrevendo. Não eram romances, nem fantasias, mas memórias fantásticas. “– Minhas memórias – explicou Emília – são diferentes de todas as outras. Eu conto o que houve e o que devia haver”⁵⁵.

⁵² Lobato, 1992b, p. 36.

⁵³ Lobato, 1992b, p. 41.

⁵⁴ Lobato, 1992b, p. 67.

⁵⁵ Lobato, 1992b, p. 100.

Na contracapa criada pelo ilustrador Belmonte para a primeira edição de *Memórias da Emília* (1936), podemos ver Alice com o vestido azul de flores brancas tal qual a Alice das diferentes capas da edição traduzida por Lobato (figs. 2 e 3). A mesma conexão ele manteve nas figuras do miolo do livro (figs. 5 e 6), já que a Alice ilustrada por A. L. Bowley tornou-se, com Lobato, a referência visual mais divulgada da personagem para os leitores no Brasil da época. Até meados da década de 40, aparentemente só foram publicadas, no Brasil, duas traduções diferentes de cada história de Alice⁵⁶, as de Lobato e as da livraria do Globo, *Alice na Terra das Maravilhas* e *Alice na casa do Espelho* (1934), com tradução de Pepita de Leão e ilustrações de João Fahrion, o primeiro ilustrador brasileiro de Alice⁵⁷.



Fig. 2: Capa de *Alice no País das Maravilhas*.
A. L. Bowley, 1931.



Fig. 3: Contracapa de *Memórias da Emília*.
Belmonte, 1936.

⁵⁶ Desde a década de 20, trechos de *Alice no País das Maravilhas* foram incluídos na *Encyclopedia Tesouro da Juventude*, com 18 volumes. Alice está na sessão “Livro dos Contos” – v. 9, 33 p., Ilustrações de Harry Furniss. Rio de Janeiro-São Paulo-Porto Alegre: W. M. Jackson Editores.

⁵⁷ Com diferentes capas, modificações ou inserções, as ilustrações de Ada Bowley continuaram sendo publicadas, com a tradução de Monteiro Lobato, pela Companhia Editora Nacional e depois pela Brasiliense até 1978, num total de 13 edições. Participaram também das *Obras completas de Monteiro Lobato*, entre 1960 e 1969, em 4 edições. Dados coletados em pesquisa realizada com Lauro Amorim (Lindseth, 2015).

Na edição de *Alice* em português, Lobato conta que a história trata do sonho de uma “menina travessa”. Nesse sentido, destacam-se as ilustrações da inglesa Ada Leonora Bowley (figs. 2 e 5). Sua Alice tem uma personalidade diferente da fundamental e canônica Alice de John Tenniel (fig. 4). Ela é mais infantil, ao mesmo tempo meiga e espontânea, um contraponto à sisudez da Alice vitoriana. Uma das Alices de Bowley, na contracapa de uma edição de 1909, abraça afetuosamente um Coelho Branco muito fofinho (fig. 7), gesto decididamente impensável no imaginário de Tenniel. A Alice de Ada Bowley usa um vestido solto, curto e florido, ao contrário do vestido encorpado com avental, mais adequado para medidas do que travessuras. Ela trouxe uma visão da personagem atualizada para o século XX, como apontou Sebastião Uchôa Leite⁵⁸. As ilustrações emprestam leveza a um texto complexo e um contexto, muitas vezes assustador, do *País das Maravilhas* de Carroll, sem entrar, aqui, em um julgamento estético e artístico das ilustrações.



Fig. 4: *Alice in Wonderland*.
John Tenniel, 1865.

⁵⁸ Leite, 2003, p. 130.

Fig. 5 (abaixo): *Alice no País das Maravilhas*.
A. L. Bowley, 1931 [1921].

Fig. 6 (ao lado): Alice e Emília em *Memórias da Emília*.
Belmonte, 1936.



Ilustradora da Era de Ouro dos livros infantis, Ada Bowley criou dezenas de figuras infantis açucaradas para a empresa londrina Raphael Tuck & Sons, especializada na impressão de postais colecionáveis e cartões comemorativos. A empresa também publicou livros para a infância com recursos gráficos lúdicos e sedutores. Por volta de 1921, uma edição básica com as ilustrações de Ada Bowley foi publicada na Inglaterra por Raphael Tuck & Sons e nos Estados Unidos pela David McKay Company, na Filadélfia. Até o final da década, em datas incertas, pelo menos três versões diferentes de *Alice in Wonderland*, incluindo artes de Ada Bowley, foram editadas por Raphael Tuck, além de charmosos quebra-cabeças.

A versão 1 era totalmente colorida, impressa em papel cartonado e formato sanfona (fig. 7). A versão 2 trazia o texto e ilustrações em preto e branco, com um panorama formado por quatro páginas coloridas com imagens interligadas, incluindo um bolso traseiro contendo figuras móveis que podiam ser encaixadas nas páginas do livro (fig. 8). A versão 3 contava com as 6 gravuras coloridas e os 70 desenhos em preto e branco da edição básica, acrescidas de uma

página dupla em formato *pop-up* que incluía todas as personagens da obra em uma única cena (fig. 9).

Em 1907, a obra *Aventuras de Alice no País das Maravilhas* entrou em domínio público. Dezenas de novas edições foram ilustradas, especialmente na Inglaterra e nos Estados Unidos. Monteiro Lobato deve ter se encantado com as inúmeras possibilidades gráficas e editoriais dessas diferentes edições de Alice no período em que trabalhou em Nova York como adido comercial, entre 1927 e 1931. Como terá sido o processo de escolher as ilustrações mais adequadas para a sua Alice? Ao optar por Ada Bowley, quais dessas edições que mencionei teriam parado nas mãos do editor com seu olhar ávido por novidades?

Se Lobato tiver visto algum desses livros, é provável que tenha se entusiasmado, sendo um editor que muito inovou no design gráfico dos livros infantis para modernizá-los e torná-los mais atraentes. Sabemos que prestava especial atenção na materialidade do livro. É interessante notar que as três versões inglesas apresentam de formas diferentes, na ilustração ou no formato gráfico, a sugestão de que as personagens podem sair do livro e ganhar vida própria. A versão *pop-up* vem com o texto “*Come to life*” impresso na capa. O livro pode ter proporcionado ao Lobato a experiência física de abrir um livro e ver as personagens de Alice saltarem para fora das páginas. Bastava usar a sua imaginação fértil para dar vida às personagens e para criar novas histórias.

Essa pode ter sido uma inspiração para a guarda de *Reinações*, comentada a seguir, entre outras referências literárias que o influenciaram. O fato de os dois livros terem sido publicados no mesmo ano por Lobato – *Alice no País das Maravilhas* e *As reinações de Narizinho* – é uma indicação de que os temas se cruzaram tanto em seus sonhos quanto preocupações diurnas. Entretanto, mesmo que ele tenha conhecido a edição com *pop-up*, por questões técnicas e econômicas, as ilustrações móveis ficariam de fora da edição brasileira.

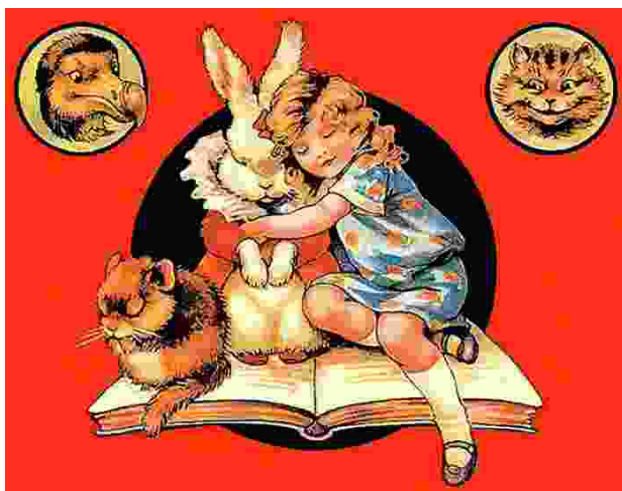


Fig. 7: CARROLL, Lewis. *Alice in Wonderland Panorama*.
 Ilustrações de A. L. Bowley.
 London-Paris-New York. Raphael Tuck & Sons. c. 1910.



Fig. 8: CARROLL, Lewis. *Alice In Wonderland Panorama
 with Movable Pictures*. Ilustrações de A. L. Bowley.
 London-Paris-New York. Raphael Tuck & Sons. c. 1930.

Fig. 9: CARROLL, Lewis. *Alice In Wonderland* “Come to life” panorama. Ilustrações de A. L. Bowley. London-Paris-New York. Raphael Tuck & Sons. c. 1930.



O artista Jean Gabriel Villin começou a ilustrar a obra de Monteiro Lobato no final da década de 20, quando o autor estava em Nova York. Fizeram uma longa parceria que rendeu 11 livros. Nas palavras do ilustrador:

Tive diversos contatos com Monteiro Lobato; a primeira vez em sua residência na Aclimação, a fim de combinar as ilustrações de seu livro ‘Reinações de Narizinho’, se não me engano. Ele possuía uma grande sensibilidade artística e, embora deixasse o ilustrador à vontade, sabia perfeitamente o que convinha para seus livros⁵⁹.

Como deve ter sido a conversa sobre a curiosa imagem da guarda da primeira edição de *Reinações de Narizinho* é algo que nos aguça a imaginação...

Lobato promoveu uma rebelião no Mundo das Maravilhas.

⁵⁹ VILLIN, Jean G. [Depoimento]. Website *Jean Gabriel Villin*. Disponível em <<https://jeangabrielvillin.com.br>>, acesso em 19 jan. 2019.

Em *Reinações*, foi a própria Dona Carochinha, baratinha guardiã dos contos maravilhosos⁶⁰, que disse que muitas das personagens de seus contos já andavam cansadas de viver sempre as mesmas histórias. Queriam novidades! Escaparam dos livros e foram parar no Sítio do Picapau Amarelo para ousar novas aventuras. Segundo Pedrinho, as personagens fugiram porque as histórias estavam emboloradas. “Há muito tempo que ando com essa ideia – de fazer todas as personagens fugirem das velhas histórias para virem aqui conosco combinar novas aventuras. Que lindo, não?”⁶¹ A fuga dos livros participa da grande aventura de abolir as fronteiras entre os reinos da fantasia. Quem manda agora não são os autores e os cânones, mas as próprias personagens se empoderaram e desafiam limites e regras impostos num campo de forças onde atuam a tradição e a modernidade.



Fig. 10: Guarda de *As reinações de Narizinho*. Jean Villin, 1931.

⁶⁰ *Contos da Carochinha* foi uma coletânea de contos organizada por Alberto Figueiredo Pimentel e publicada pela Livraria Quaresma a partir de 1894, um marco na origem da literatura infantil no Brasil. Lobato questionava sua linguagem antiquada e propósitos moralizantes. Assim, decidiu inovar e transformar o modo de escrever para crianças e a Dona Carochinha tornou-se, no Sítio do Picapau Amarelo, símbolo das histórias emboloradas.

⁶¹ Lobato, 1992a, p. 52.

Numa primeira leitura, vemos, na ilustração de Villin, a menina Lúcia, conhecida como Narizinho, em proporção gigantesca segurando um livro aberto de onde fogem personagens em direção à casa do Sítio. Entre os fugitivos estão alguns habitantes do Reino das Águas Claras e do próprio Picapau Amarelo, além do Barão de Munchausen e a menina do leite das Fábulas de Esopo. O burro falante, que já tinha fugido do Reino das Fábulas para viver no Picapau Amarelo, é visto fugindo de novo⁶². Numa nova leitura, percebemos que o que está sendo mostrado nessa imagem não pode ser a fuga das personagens do livro da Dona Carochinha, conforme narrada no livro, porque Narizinho segura o único livro já escrito onde essa combinação improvável de personagens podia coexistir: o próprio *As reinações de Narizinho*.

A imagem mostra a obra como um fantástico “meta *pop-up*” em que as personagens ganham vida própria e a fuga do livro físico espelha procedimentos de metalinguagem na narrativa. Na imagem, Narizinho é ao mesmo tempo leitora, protagonista e guardiã de um portal que se abre entre a ficção e a realidade em vários níveis. Assim, quando o leitor abre o livro, depara-se, logo na primeira imagem, com Narizinho segurando o mesmo livro que ele, de onde fogem as personagens, ameaçando fugir, a seguir, para o nosso mundo. Cria-se um enigmático *myse em abyme* de histórias dentro de histórias, num labirinto de travessias intertextuais. Faltou Lobato dizer que iria escrever livros de onde as personagens pudessem fugir⁶³.

Enquanto a fuga das personagens desafia fronteiras e embaralha referenciais literários, a cartografia bem comportada do Mapa do Mundo das Maravilhas coloca tudo em seu lugar. Cabe ao leitor ir montando o quebra-cabeças para identificar as conexões entre as personagens, suas obras literárias de origem e os respectivos territórios no mapa. A primeira versão do Mapa foi ilustrada por Jean Villin e publicada em *A penna de papagaio* (fig. 12) (1930), livro que se

⁶² Fugiu para não morrer no final da fábula de Esopo “Os animais e a peste” (Lobato, 1992a, p. 274).

⁶³ “Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar” Lobato, 1964, p. 293.

tornaria um dos retalhos da colcha de histórias, *As reinações de Narizinho* (1931). O Mapa foi redesenhado por Villin para *Reinações*, mantendo as mesmas convenções cartográficas e terras imaginárias, com leves alterações⁶⁴. Uma nova versão do Mapa iria ilustrar a guarda de cada volume da coleção das obras infantis de Lobato lançada pela Editora Brasiliense a partir de meados da década de 40, dessa vez em ilustração de André Le Blanc⁶⁵ (1947). As terras demarcadas e nomeadas nos mapas dos dois ilustradores são quase as mesmas – as diferenças não serão aqui listadas para não estragar o jogo.



Fig. 11: *A penna de papagaio*.
Jean Villin, 1930.⁶⁶

⁶⁴ Também disponível em: Lobato, 2014.

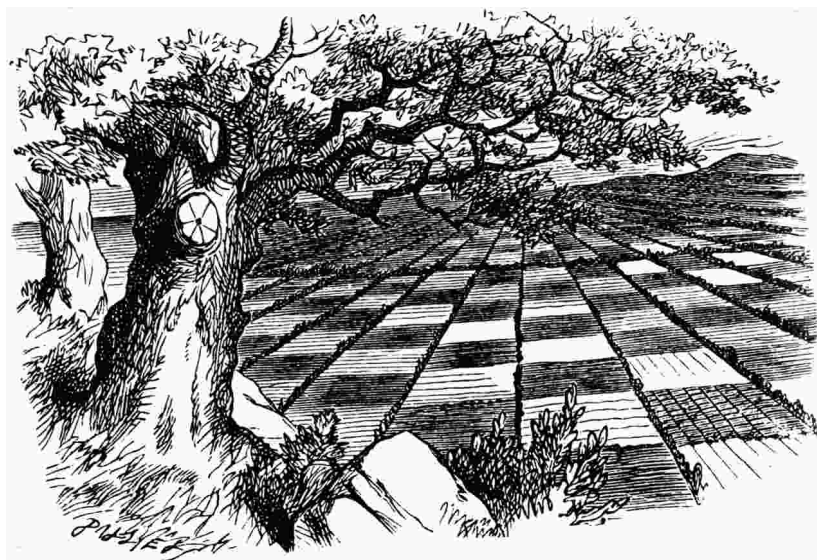
⁶⁵ Também disponível em: Lobato, 2019.

⁶⁶ Cf. Azevedo; Camargos; Sacchetta, 2000.



Fig. 12 (acima, detalhe): *Mapa do Mundo das Maravilhas*.
Andre Le Blanc, 1947.

Fig. 13 (abaixo): *Alice no País do Espelho*.
John Tenniel, 1871.



SANTANA-DEZMANN, Vanete; MILTON, John; D'ONOFRIO, Silvio Tamaso (Orgs.).
Para Comprender Monteiro Lobato - II Jornada Monteiro Lobato.
Lünen-Alemanha: Oxalá, 2021. ISBN 9783946277583.

Existe uma suspeita de que foi o próprio Peter Pan quem entregou para Pedrinho o Mapa do Mundo das Maravilhas, junto com um pouco do Pó de Pirlimpimpim para ser usado como meio de transporte. O menino invisível foi apelidado de Peninha pelo grupo, pois passou a usar uma pena de papagaio no chapéu para ser encontrado. No seu texto, Lobato não descreveu o Mapa nem especificou suas terras e mares; apenas o Sítio de Dona Benta e o chiqueirinho de Rabicó são citados, mostrando que os moradores do Sítio são, ao mesmo tempo, leitores e personagens do Mundo das Maravilhas, vivendo lá e cá. Um dos critérios para a escolha das terras presentes nos três mapas é que elas criavam/sem uma ponte entre a biblioteca da Dona Benta, que lia e contava as histórias para os “picapauzinhos”, e a biblioteca dos leitores de Lobato, que teriam, nos próximos anos, acesso às mesmas obras traduzidas pelo próprio autor, num projeto intertextual e mercadológico. Só em *Reinações* os “picapaus” visitam o país das Fábulas, a Terra das Mil e uma Noites e o castelo do Barão de Munchausen. Na última página, Lobato já arquitetava cenas dos próximos capítulos, mas é Pedrinho quem lamenta “justamente agora que temos o Burro Falante e o Peninha para nos levar para todos os países do Mundo das Maravilhas, mamãe me manda chamar...”⁶⁷.

Alice também tem uma casa no país das Maravilhas nos três mapas. No Mapa de Le Blanc são feitas algumas adaptações. Aproveitemos para destacar um acréscimo. O ilustrador incluiu um enorme tabuleiro de xadrez próximo ao país das Maravilhas, cenário por excelência das aventuras de *Alice no País do Espelho*. Na única gravura de Tenniel nos dois livros de Alice que mostram uma paisagem sem personagens, o observador é colocado no ponto de vista da Alice olhando para um tabuleiro que é território de um grande jogo onde as peças ganham vida própria e vivem num mundo com uma lógica às avessas. “É uma partida de xadrez fabulosa que está sendo jogada... no mundo todo... se é que isso é o mundo. Oh, como é divertido!”⁶⁸ (figs. 13 e 14).

⁶⁷ Lobato, 1992a, p. 303.

⁶⁸ Carroll, 2013, p. 133.

Se as personagens dos contos maravilhosos se mostraram insatisfeitas por viverem sempre as mesmas aventuras, quando vêm ao Sítio, em *O picapau amarelo* (1939), reinventam suas vidas. As personagens do Mundo das Maravilhas se mudam para um terreno vizinho ao Sítio, com a condição de Dona Benta de não pularem a cerca. As condições foram aceitas e a mudança teve início. “Mas não vinham a passeio, não; vinham com armas e bagagens, com os castelo e palácios para morar ali toda vida”⁶⁹. Alice também se muda para lá, dessa vez “com o bando todo – Twidledum, o Gato Careteiro, o Coelho Branco, a tartaruga...”⁷⁰. Interessante notar que o “bando todo” inclui tanto personagens do país das Maravilhas quanto do país do Espelho, justificando os dois aparecerem juntos no mapa. Será que as personagens vieram de navio, contornando o arquipélago dos anões? Depende de qual mapa estavam seguindo.

Voltando no tempo, as personagens do Mundo das Maravilhas, em *Reinações*, vão participar de uma festinha onde se destacaram as personagens dos Contos de Fadas, das *1001 Noites* e da mitologia grega. Acabada a festa, voltam para os livros, incluindo o clássico de Dona Carochinha, já que lá tinham ido morar algumas personagens dos irmãos Grimm e de Charles Perrault, além de Aladim e uma mistura boa. Capítulos depois, as personagens voltam ao Sítio para assistir a uma apresentação de circo. Alice também vem assistir ao Circo de Escavalinho, além de “quase todos os que existem.”⁷¹. Terá vindo do original ou da edição que Lobato acabara de traduzir?

Curioso notar que nas *Memórias da Emília*, Alice chegou no navio *Wonderland* diretamente da Inglaterra, não do país das Maravilhas. Já no conto *As fadas*, do livro *Histórias diversas* (1947), é aparentemente a última vez que Alice vai ao Sítio. Enquanto os “picapauzinhos” dormem profundamente, uma festa é oferecida pela Branca de Neve ao Gato de Botas. Todos, inclusive Alice, chegam em tapetes voadores dignos das *1001 Noites*, atravessando os céus do Mundo das Maravilhas. Mas as crianças não ficam sabendo. No final,

⁶⁹ Lobato, 1992c, p. 164.

⁷⁰ Lobato, 1992c, p. 165.

⁷¹ Lobato, 1992a, p. 239.

Narizinho comenta que está triste pensando que as personagens encantadas se esqueceram do Sítio. A história abre janelas na imaginação com uma frase rica em possibilidades: “Tantas coisas aconteceram no Pica-Pau Amarelo que não estão contadas nos livros!”⁷².

Quais são as pontes entre as aventuras de Lúcia e as Reinações de Alice?



Fig. 14: A fuga das personagens. Adriana Peliano. Foto: Gui Gomes, 2019.

Alice e Lúcia eram meninas de 7 anos e seus nomes eram quase anagramas um do outro. Uma vivia na Inglaterra, a outra no Brasil. Estavam as duas na beira de um rio, lá e cá. Alice com sua irmã, Lúcia com sua boneca Emília. Alice queria colher margaridas para uma guirlanda, Lúcia via figuras nas nuvens. Alice se espantou com o Coelho Branco falante de colete, relógio e guarda-chuva; Lúcia recebeu, em cima do seu nariz, a visita de um besouro falante e um príncipe, que por sua vez era um peixe de casaco vermelho, relógio, cartolinha na cabeça e guarda-chuva. Ardendo de curiosidade, Alice

⁷² Lobato, 1992d, p. 239.

correu atrás do Coelho e saltou dentro da sua toca. Passeando como velhos amigos, Lúcia e o príncipe chegaram a certa gruta que jamais tinham visto por ali e a menina fica com medo. “A paisagem estava outra”⁷³. Alice chegou a uma sala repleta de portas e encontrou uma portinha que dava para o jardim mais bonito que já se viu. Lúcia atravessou a gruta e se deparou com um portão de coral tão bonito que parecia sonho. Alice foi parar no país das Maravilhas, um reino subterrâneo; Lúcia chega no Reino das Águas Claras, um reino subaquático. Em Carroll, Alice viajou pelo país das Maravilhas; em Lobato, Alice e Lúcia ficaram amigas e moravam no Mundo das Maravilhas. Depois desse ponto, as histórias seguem rumos diferentes. Ainda assim, Lobato usou muitos ingredientes de Alice em suas histórias⁷⁴.

Como o tema do sonho está presente nas aventuras de Lúcia e nas reinações de Alice? (Fig 14) O próprio Lewis Carroll adaptou *Alice's Adventures in Wonderland* (1865), para crianças “do zero aos cinco”, em *The Nursery “Alice”* (1890). A obra não é apenas uma versão simplificada, mas é escrita para ser mediada como se a história estivesse sendo contada por alguém que está dialogando e interagindo com uma criança pequena. O livro inclui 20 das 42 ilustrações de John Tenniel, da edição original, redesenhadas e coloridas pelo próprio Tenniel. Ele foi publicado pela Macmillan e apresenta uma nova capa ilustrada a cores pela ilustradora, amiga do autor e especialista em fadas, Emily Gertrude Thomson (Fig 15).

A capa mostra Alice sonhando. Sobre uma nuvem estão algumas personagens da história, como se pudéssemos assistir, ao mesmo tempo, Alice dormindo e o que se passa dentro do seu sonho, em realidades paralelas. Estão lá o Grifo e a Falsa Tartaruga, o Coelho Branco, o rato orador e o menino que virou porco. Ao lado de Alice está um livro aberto e ilustrado a cores. Será que, como Narizinho na guarda de *Reinações*, Alice tinha um livro contando a sua própria

⁷³ Lobato, 1992a, p. 9

⁷⁴ Nelly Novaes Coelho também comenta as afinidades entre Alice e Lúcia, de Carroll e Lobato, em um prefácio em que considera que “Alice é uma espécie de ‘avó’ da Narizinho” (Carroll, 2005).

história? Que outro livro poderia estar lendo? E a capa do livro também a mostrava dormindo com um outro livro aberto ao seu lado? As personagens estavam no sonho ou fugiram do livro?

Essa foi a primeira e uma das raras vezes que o sonho de Alice foi ilustrado e isso por um bom motivo. Em *Alice no País das Maravilhas* e *Alice no País do Espelho*, só sabemos no final das histórias que as aventuras tinham sido sonhos. Nesse livro é diferente: provavelmente para se tornar mais didático e menos assustador para crianças pequenas, é esclarecido logo no início da história. *The Nursery "Alice"* começa assim: “Era uma Vez uma menininha chamada Alice que teve um sonho muito curioso. Você gostaria de ouvir sobre o que ela sonhou?”⁷⁵.

Entre *Alice's Adventures in Wonderland* (1865) e *The Nursery "Alice"* (1890), o tema do sonho passou de um enigma paradoxal para uma justificativa que ameniza o impacto do estranhamento do texto. O tema do sonho é central nos dois livros clássicos de Alice (*Wonderland* e *Looking Glass*), em que ganha sentidos mais complexos. A menina viaja por realidades paralelas que desafiam a lógica e a racionalidade. A psicanálise surgiria décadas depois para mergulhar na toca do coelho do inconsciente humano. Alice virou mito surrealista e foi ressignificada por artistas e escritores que viam no maravilhoso a dissolução das fronteiras entre o inconsciente e o consciente, o sonho e a realidade. O sonho de Alice se tornou símbolo do mergulho no desconhecido. Ele não traz consolo nem uma simples justificativa racional de que “tudo não passou de um sonho”.

A capa de Villin para *Reinações de Narizinho* se parece com a capa de *The Nursery "Alice"*. Mostra uma menina loira, ao contrário da morena cor de jambo descrita no texto. Na imagem, podemos também observar, dentro do sonho de Lúcia, personagens da história que reaparecem na fuga do livro mostrada logo depois de virar a página. Dessa vez, não existe a nuvem que separa os planos da realidade e do sonho, ao contrário, Emília chega a cochichar no ouvido da sonhadora, já tentando interferir nos rumos da história. Surgem

⁷⁵ Carroll, 1890, tradução nossa.

mais perguntas do que respostas, visto que, justo nessa obra, as reações da menina deixam de ser explicadas como sonhos e tudo se torna mais dinâmico, complexo e intrigante. Os sonhos, nas aventuras de Alice de Lúcia, têm implicações bem distintas (fig. 16).

Entre *A menina do narizinho arrebitado* (1920) e *As reações de Narizinho* (1931), também aconteceu uma mudança crucial. No primeiro livro, a aventura de Narizinho termina com seu despertar. O leitor se depara com a revelação de que ‘tudo não passara de um lindo sonho’. Em *Reações*, contudo, diluem-se as fronteiras entre o real e o maravilhoso e se dá uma fusão entre ambos, quando a menina volta de sua primeira viagem ao Reino das Águas Claras “por uma ventania muito forte, que envolveu a menina e a boneca, arrastando-as do fundo do oceano para a beira do ribeirãozinho do pomar. Estavam no Sítio de Dona Benta outra vez”⁷⁶.

Talvez não seja o caso de afirmar que o tema do sonho desapareça da obra de Lobato a partir de *Reações*, mas adquire contornos mais sutis. Perpassa as aventuras do Sítio o tema dos estados alterados de consciência, como as vezes em que viajam fechando os olhos com toda a força, “como a gente faz nos sonhos quando vai caindo num precipício.”⁷⁷ Tem também o caso da modorra, que se apresenta como um estado hipnagógico, na qual Narizinho tem visões delirantes com fadas e faunos e onde o boneco João Faz de Conta ganha vida, como se fossem as coisas mais naturais do mundo. O boneco diz para Narizinho: “...vai ver coisa que sempre existiu nesse Sítio e no entanto você nunca viu. Olhe lá!”⁷⁸. Os limites entre a realidade, a fantasia, a imaginação e o sonho são elásticos. No final do livro de *Alice através do Espelho*, Lewis Carroll nos lança o grande desafio: “Que mais é viver senão sonhar?”⁷⁹.

⁷⁶ Lobato, 1992a. p. 28.

⁷⁷ Lobato, 1992a, p. 302.

⁷⁸ Lobato, 1992a, p. 212.

⁷⁹ Carroll, 2013, p. 228.

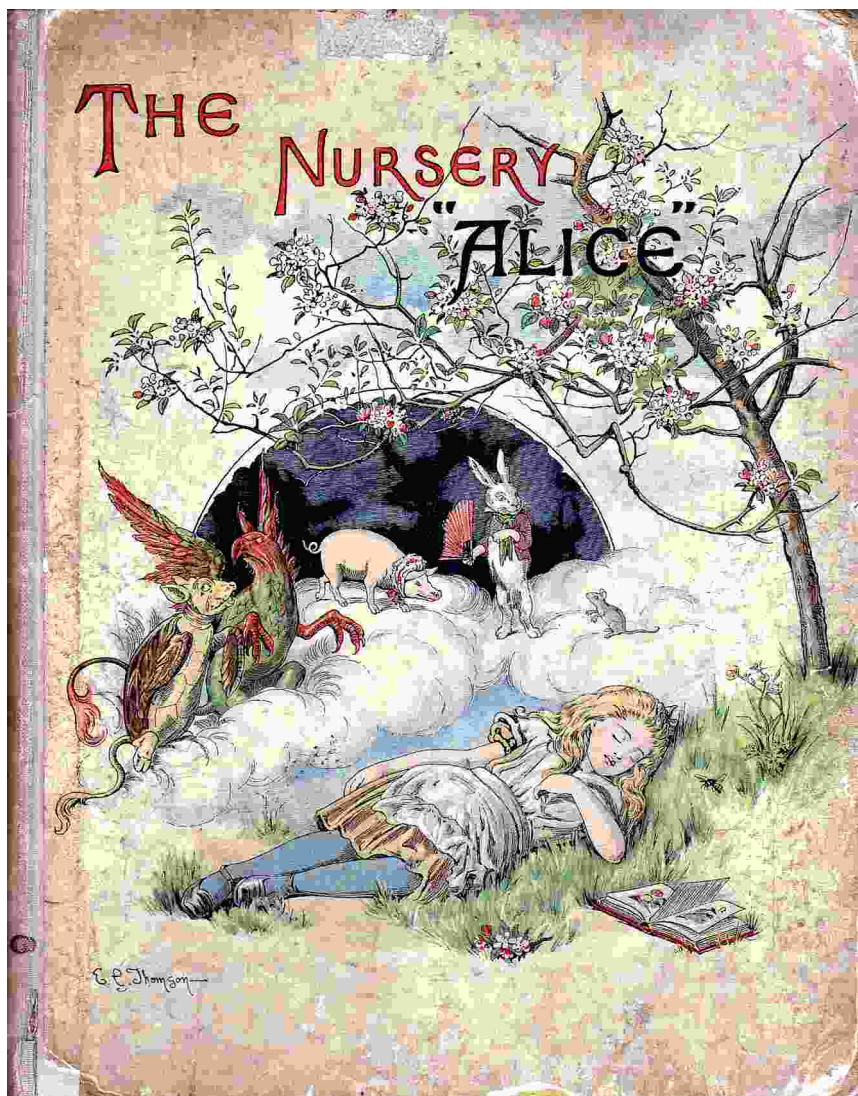


Fig. 15: *The Nursery "Alice"*.
Capa: Emily Gertrude Thomson, 1890.



Fig. 16: *As reinações de Narizinho*.
Capa: Jean Villin, 1931.